

## Apresentação

### Sobre Educação e Cultura em uma perspectiva psicossocial: permanências e mudanças em tempos de crise

Há algum tempo, quando pensamos sobre a temática aqui proposta, estávamos vivenciando, aliás, como hoje, situações muito difíceis, atravessadas por uma pandemia provocada pela covid-19, e aguçadas por desafios de toda ordem, que intensificavam (e intensificam) os problemas políticos e sociais, que provocam mudanças no cenário da educação e da cultura.

Nesta perspectiva era mais do que urgente buscar espaços para que pudéssemos refletir, com um conjunto mais ampliado de autores/as, sobre a relação educação e cultura em uma perspectiva psicossocial, procurando vestígios sobre permanências e mudanças em tempos de crise. O que implica avaliar quais teriam sido os impactos psicossociais sobre a educação e a cultura nesses tempos tão difíceis pelos quais todos passamos; mas, ao mesmo tempo, delinear possibilidades de transformação.

Um aspecto que consideramos fundamental para dar um tom singular a esta seção temática é partir do entendimento sobre a relação educação e cultura frente aos desafios em tempos de crise. Para nós, seria mais do que necessário ressignificar o conceito de educação e de cultura, colocando-os em relação.

Mas o que significa a *educação* nos dias de hoje? Consideramos que é importante retomar esta questão, tendo em vista a desesperança em relação às políticas educacionais de retrocesso e aos seus respectivos programas que assolam o nosso país, e que, somando-se a tantos desafios políticos, sociais e sanitários, têm, de certa forma, afetado as crenças que embasam as práticas educativas atuais.

Neste sentido, como diria Bourdieu (2014, p. 23): “De retrocesso em retrocesso, chegamos a um lugar que é a origem de tudo isso. Esta realidade

misteriosa existe por seus efeitos e pela crença coletiva em sua existência, que é o princípio destes efeitos” (tradução livre). Realidade, que vem se traduzindo por meio de políticas neoliberais, que, junto com algumas tecnologias da informação e comunicação, vêm se caracterizando, como afirmaria Bourdieu (1998, p. 139) “[...] em função da competência e do mérito individuais; carreiras individualizadas; estratégias de ‘responsabilização’ tendendo a garantir a auto-exploração...” (grifo do autor). Por outro lado, sinalizaria Moscovici (2011, p. 112): “Enclausurados no círculo dos interesses exclusivos, os seres se engajam em um enfrentamento e em uma competição sem perdão, próximos da guerra de todos contra todos”. Ou seja, de forma consciente ou deliberada, continuaria este autor (2011, p. 112): “eles beiram, sem cessar, o desvio e se arriscam a violar os valores”.

Diante do que vivenciamos nos últimos tempos, parece-nos que o debate fundamental da educação, entendida como prática e valor social, seria saber a que projeto cultural precisará servir. Entretanto, nada é tão fácil assim, como explica Gimeno Sacristán (1999, p. 262), pois, tal como ele afirma (e concordamos): “Uma sociedade plural democrática requer uma discussão aberta sobre seus significados concretos e sobre as formas de sua consecução, respeitando os valores, os interesses e as necessidades de diferentes indivíduos e grupos”. Por outro lado, também estamos de acordo com este autor, quando afirma que compete ao Estado: “[...] assumir a discussão no funcionamento de suas instituições, dando-lhes a importância que tem, sem que seja uma desculpa para não fazê-lo o fato de que ele mesmo assumiu os objetivos e os conteúdos da democracia” (GIMENO SACRISTÁN, 1999, p. 262).

Certamente, apostamos em um projeto educativo e cultural, que se apoie em valores democráticos, na diversidade social e cultural, e que alimente condições de possibilidades para o educar e o ensinar. Pois, como nos ensina Gimeno Sacristán (1999, p. 115), “[...] *educar* e *ensinar* são práticas que se desenvolvem de maneira natural na vida dos grupos sociais e que envolvem de alguma forma todos os membros de uma *cultura*” (grifos nossos). Não é à toa que, quando se tentam implementar reformas educativas, em especial, aquelas que

esvaziam o sentido da educação que desejamos, os conflitos, as resistências e uma diversidade de significados emergem, na contramão do que se tenta estabelecer como um “regime de verdade”, diria Foucault (2011).

Sendo assim, como afirma Gimeno Sacristán (1999, p. 148): “É importante considerar o tema da *cultura* para entender a *educação* e para projetá-la; esquecendo-o, estaríamos falando de ações e de práticas esvaziadas, de certa maneira, de seu sentido” (grifos nossos).

Nesta direção, também, Hall (1997) considera a *cultura* como conceito central, a fim de se compreender as representações que fazemos dos desafios a enfrentar e das situações vivenciadas. Neste sentido, a cultura, segundo esse autor (1997), precisa também ser entendida no contexto das “mudanças culturais globais”, que criam “uma rápida mudança social, mas também, quase na medida, sérios deslocamentos culturais” (p. 18). Essa mudança social atinge, sobretudo, a educação, porque ela se traduz no “[...] processo através do qual a sociedade incute normas, padrões e valores – em resumo, a ‘cultura’” (HALL, 1997, p. 40, grifo do autor).

O que vimos (e o que vemos), nos tempos pandêmicos, é que, conforme diria Hall (1997, p. 21), “a vida cotidiana das pessoas comuns foi revolucionada”, não de “forma regular ou homogênea” (p. 21), mas de uma “forma significativa” (p. 24). Na realidade, fomos tomando, aos poucos, consciência da complexidade desses tempos de crise e da necessidade de se reinventar estratégias de sobrevivência para o enfrentamento de tantos desafios.

Diante dessas questões, lembramo-nos de Bourdieu (2021), que também nos ensina que é preciso analisar a produção cultural e sua circulação; pois, a cultura vai se produzindo e inculcando uma visão de mundo, e, sobretudo, propaga um campo de forças e de lutas sociais.

Nesta mesma linha de pensamento, Moscovici (2005) nos faz lembrar ainda que há sempre, em um determinado contexto de comunicação, o que ele denomina de “luta de ideias”. Para este autor (2005, p. 373), é o mesmo que “lutas culturais –

o que os alemães chamam de *kulturkampf*; e que “têm lugar no campo da comunicação, na formação de representação social” (grifos do autor).

Essa “luta de ideias”, para nós, é o que permite que se argumente a favor da construção de uma cultura, em que seja possível entender não só como as subjetividades se sustentam e se acomodam, mas como elas podem (e devem) resistir em meio às relações de poder. Pois, como diria Moscovici (2012, p. 426): “A luta das ideias, qualquer que seja sua forma, se não resolve sempre o que se propõe, responde necessariamente a um ideal de verdade do qual podemos algumas vezes nos afastar, mas nunca nos separar”.

Nessa perspectiva, para tecer reflexões sobre essa “luta de ideias”, que pode iluminar novos sentidos para o projeto educativo, de modo a cultivar os valores democráticos e promover igualdade de oportunidades e a tão propalada justiça social, faremos alusão a dois aspectos relacionados ao título desta seção temática e que consideramos necessário esclarecer. O primeiro associa-se à “educação e cultura em uma perspectiva psicossocial”, tendo as representações sociais como uma de suas bases; e o segundo diz respeito às “permanências e mudanças em tempos de crise”.

A fim de tratar do *primeiro* aspecto, ou seja, da relação *educação e cultura em uma perspectiva psicossocial*, procuramos revisitar a noção de *representações sociais*. Para Jodelet (2017, p. 42), “[...] as representações sociais são consideradas como resultantes do jogo de mecanismos psicológicos e sociais”. Há, segundo a autora, “*organizadores socioculturais*, modelos tomados de história social e da cultura, sobre os quais se apoiam os indivíduos para elaborar sua representação [...]” (grifos da autora) (p. 43).

Para nós, as considerações de Jodelet (2017) são importantes, porque observamos que, nos tempos de pandemia e de isolamento social, as tensões vivenciadas nos cenários educacionais, seja na educação básica ou no ensino superior, provocaram rupturas. Isso se explica, porque foi necessário vivenciar o trabalho remoto, usar as plataformas virtuais e assumir uma espécie de

consciência coletiva no sentido de precisar mudar e reinventar estratégias de sobrevivência para superar de imediato os tempos de isolamento social e de sofrimento social. Ou seja, foi preciso construir outras lógicas simbólicas que dessem conta de nos orientar.

Nesta perspectiva, recorremos, mais uma vez, a Jodelet (2017, p. 71), que explicita, referindo-se a Augé (1974), que existem “lógicas que regem as construções simbólicas” e se referem “a um estado do social e ao regime histórico” (p. 71). Dentre elas, menciona três, que resumimos aqui: 1ª a *lógica da diferença* - que se reproduz nos sistemas de classificação binária, por exemplo, a diferença biológica (diferença de gênero); 2ª a *lógica da referência* - que, no sistema cultural, indica o lugar das relações sociais e de poder; e 3ª a *lógica do tempo* (a cronológica) - que se relaciona aos acontecimentos ocorridos na história dos indivíduos e dos grupos.

Para nós, essas lógicas – da *diferença*, da *referência* e do *tempo* -, que foram provocadas pela pandemia e aguçadas pelos problemas econômicos, sociais e políticos vivenciados no Brasil, desenvolveram, certamente, uma “viragem epistemológica, cultural e ideológica” (SANTOS, 2020, p. 31). E possibilitaram perceber, como diria Moscovici (2005, p. 97), “[...] o problema da modificação nas representações sociais e sua evolução”, que coloca diferentes crenças, emoções e relações sociais em jogo. Relações, em que as *diferenças* vêm à tona e aprofundam a desigualdade e o sofrimento social; ou mesmo, em que se constroem outras *referências*, contaminando o *tempo* referente aos acontecimentos ocorridos na história dos indivíduos e dos grupos sociais (AUGÉ, 1974).

Ao tratar do *segundo* aspecto, ou seja, das “permanências e mudanças em tempos de crise”, lembramo-nos, também, de Moscovici (2005, p. 91), quando afirma “que o caráter das representações sociais é revelado especialmente em tempos de crise e insurreição, quando um grupo, ou suas imagens, está passando por mudanças”.

Nesta perspectiva, buscamos recuperar, ao menos, dois elementos, que se entrecruzam: a *temporalidade* e o *espaço social*. Consideramos que tais elementos constroem os significados sociais, e que estão presentes nas produções culturais e nas práticas educativas.

Recordamos, então, o que Jodelet (2017, p. 27) afirma sobre a *temporalidade* das representações sociais, considerando que: “As representações sociais estão na história e têm uma história: evoluem na medida das mudanças intervenientes nos modelos culturais, nas relações sociais, nas circunstâncias históricas que afetam os contextos em que se desenvolvem...”. Também, para Jodelet (2017, p. 234), “o espaço representa e significa socialmente”. O que implica: “[...] ver como indivíduos e grupos se situam como ‘sujeitos sociais’ no meio ambiente, em que a experiência subjetiva é infletida por contextos sociais, em que os mecanismos cognitivos são tributários do pertencimento ou da posição social” (JODELET, 2017, p. 239, grifos da autora).

Ainda, em relação ao *espaço social*, reforçamos que, para Bourdieu (2014, p. 230), trata-se de refletir a respeito das “formas simbólicas” como “[...] princípios de construção da realidade social” (tradução livre). De um lado, isso significa que Bourdieu define que no espaço social se dão diversas formas de poder e/ou diferentes tipos de capital (econômico, social, cultural, simbólico); de outro, há sempre uma aposta na reconstrução dos “espaços dos possíveis”, quando se reconhece a “trajetória passada” de um sujeito e “seu potencial no espaço social” (BOURDIEU, 2011, p. 107).

Com efeito, a temporalidade e o espaço social possibilitam vivenciar *tempos de permanência*, ou seja, de estabilidade, em que se tem a intenção de conservar o *status quo*. Nesta direção, por exemplo, observamos como as “reformas curriculares” atuais tendem a um retrocesso político. Ao mesmo tempo, vivenciamos, também, *tempos de mudanças*, quando foi preciso fazer frente às novas existências educacionais, ao se promover o uso das plataformas digitais, utilizadas como ferramentas necessárias para que as ações educativas e culturais

se tornassem efetivas, especialmente, durante o isolamento social como vivenciamos.

Todavia, é preciso destacar, também, que as crianças e jovens das classes mais desfavorecidas socioeconomicamente, que estudam nas escolas das redes públicas, não tiveram assegurado a tempo o acesso a essas plataformas digitais e/ou às ferramentas tecnológicas. O que ampliou o grau de desigualdade social, aguçando, ainda mais, o sofrimento social.

Tendo em vista estes tempos de crise, não podemos deixar de lembrar das palavras de Moscovici (2011, p. 145), quando enfatiza que: “As incertezas do sucesso e as consequências do fracasso são, por isso mesmo, mais difíceis de serem suportadas”.

Diante dos desafios traçados, procuramos incentivar as discussões, os estudos e pesquisas, que pudessem não só tecer reflexões sobre estes tempos de crise, mas, sobretudo, promover alternativas transformadoras para (re)pensar a relação educação e cultura em uma perspectiva psicossocial. Neste sentido, foram definidos três eixos para desenvolver esta seção temática, conforme indicamos a seguir, ao apresentar cada um dos textos que a compõe.

O **Eixo I** - *A educação e a cultura escolar em um cenário de incertezas provocado pela crise política e pandêmica* - procura tratar de questões que se relacionam à educação e à cultura escolar em um cenário de incertezas provocadas pela crise política e pandêmica, que agrava as desigualdades sociais e os diferentes níveis de processos formativos. Esta primeira parte se compõe de quatro textos.

O primeiro deles se intitula “O impacto psicossocial da pandemia nos processos de escolarização: reflexões sobre a educação básica oferecida em escolas públicas”, e foi desenvolvido por Vera Maria Nigro de Souza Placco e Vera Trevisan de Souza. Trata-se de um texto de natureza ensaístico-reflexivo, que apresenta proposições sobre os impactos da pandemia na vida de estudantes e profissionais da educação básica brasileira, com destaque para a dimensão psicossocial como constitutiva dos sujeitos e suas relações. Toma por base a experiência das autoras

em atuação e pesquisa em escolas públicas do Estado de São Paulo, dando ênfase às vivências dos sujeitos que têm suas vidas transformadas diante do súbito fechamento das escolas e da necessidade de mudar o ensino para a modalidade remota. Diante das dificuldades que passam a caracterizar a vidas das pessoas e as dinâmicas escolares, as autoras apontam para as possibilidades de mudança que essa experiência pode gerar, a partir do compromisso e envolvimento dos atores escolares, do sistema de ensino, das famílias, da comunidade e da sociedade como um todo no enfrentamento das questões que derivam da vivência da pandemia. Apresentam, assim, uma reflexão dialética sobre o que se tem denominado de crise sanitária e social.

O segundo texto “As representações sociais das professoras sobre alunos-pobres em uma escola periférica no município de São Gonçalo-RJ”, de Thiago Simão Dias e Arthur Vianna Ferreira, tem como objetivo geral investigar as relações entre as representações sociais de “aluno-pobre” e a construção das relações sociais em uma escola particular em um bairro periférico do município de São Gonçalo-RJ. Essa pesquisa qualitativa utiliza-se, em sua abordagem teórico-metodológica, da Teoria das Representações Sociais a partir de Willem Doise. Dessa forma, organiza os diários de campo, a partir dos discursos dos docentes, inspirando-se na Fenomenologia de Edmund Husserl e na análise retórico-filosófica de Aristóteles. Como conclusão, a pesquisa mostra que o núcleo figurativo das representações sociais se organiza por meio do campo simbólico: “eles já vêm assim”. Indica, como resultados, que as práticas educativas não são eficazes para atender às “faltas” educacionais dos “alunos-pobres”; e que, ao contrário, as práticas docentes atendem às imagens das professoras sobre a pobreza vivida por seus alunos, e, não necessariamente, às demandas reais dos sujeitos em situação de empobrecimento socioeducacional.

A seguir, apresentamos o terceiro texto “Possíveis relações entre a teoria das representações sociais e o trabalho sociológico de Bourdieu a partir da representação do Subsídio Universal para Crianças nas escolas rurais de Argentina” (Asignación Universal por Hijo), de Agustín Villarreal, Alícia Barreiro e



José Antonio Castorina. Tem como objetivo geral analisar as relações entre a teoria das representações sociais e o trabalho sociológico de Pierre Bourdieu, a partir dos achados de um estudo empírico sobre o modo em que os agentes educativos das zonas rurais e periurbanas da Província de Misiones (Argentina) pensam a respeito desse “Subsídio Universal para Crianças”. Fundamenta-se no *corpus* teórico indicado, e a metodologia se centra na etnografia educativa, desenvolvendo entrevistas e grupos de discussão. Além disso, apresenta, como eixos de análise, os conceitos a seguir: *doxa* e sentido comum, representação social e *habitus*, e espaço de pontos de vista e posicionamento social. Os autores esperam que as conclusões contribuam para o desenvolvimento de pesquisas conjuntas voltadas para a abordagem de fenômenos educativos.

O quarto e último texto relacionado a este eixo, denominado “Representação social do professor mexicano no contexto da covid-19 - Do menosprezo ao reconhecimento profissional”, tem como autoras Yazmin Margarita Cuevas Cajiga e Karla Tangel Montalvo. O artigo mostra que, no México, entre 2013 e 2018, prevaleceu uma representação social negativa do professor da educação básica difundida pelo Estado. Com a chegada de um novo governo e com a pandemia da covid-19, esta imagem foi modificada. O estudo tem como referência a Teoria das Representações Sociais, e expõe a análise de 29 discursos do secretário de educação do México (2018-2021), a respeito do professor da educação básica durante a emergência sanitária de 2020, sob a ótica da análise argumentativa. Os resultados indicam que foi projetada uma representação do professor como insubstituível no processo de ensino, destacando-se suas qualidades profissionais, seu compromisso com os alunos antes do fechamento das escolas e seu trabalho como agente de transformação social. As autoras ainda fazem referência ao desprestígio que o professor tinha, mas que, graças à pandemia, tem recuperado seu reconhecimento profissional.

**O Eixo II - A educação e a cultura digital no contexto de mudanças - acolhe ideias que se relacionem com a educação e a cultura digital no contexto de mudanças, com destaque às novas formas de aprender, pensar e imaginar. Envolve**

questões de relacionamento e comportamento em ambientes virtuais, colocando, em pauta, conflitos e tensões, assim como emoções e sentimentos. Este Eixo se compõe de dois textos.

O primeiro se denomina “Quarentena com crianças: os memes e as representações sociais sobre as crianças na crise da covid-19”, e tem como autoras Érica Nayla Harrich Teibel e Daniela Barros da Silva Freire Andrade. O objetivo deste estudo é analisar as representações sociais compartilhadas pelas crianças nas redes sociais por meio de *memes*, após o início da quarentena, que ocorreu devido à pandemia de coronavírus no Brasil. O referencial teórico baseou-se na teoria das representações sociais. Foi criado um banco de dados composto por postagens que circularam nas redes sociais no primeiro mês de quarentena, sendo selecionados os *memes* que retratavam a convivência entre adultos e crianças. Os materiais foram submetidos à análise de conteúdo temática, e os resultados indicaram que a crise provocada pela covid-19 motivou conflitos no que se refere à possibilidade do atendimento das necessidades de adultos e crianças. Tal cenário mobilizou sistemas de pensamento acerca das crianças, tensionando significações que as caracterizavam como um ser potencialmente perigoso ou mau em contraponto com o reconhecimento da criança como um ser de necessidades e direitos.

O segundo texto intitula-se “*Colcha de Retalhos Digital: uma experiência estética das narrativas (auto) biográficas à luz das RS*”, e tem como autoras Margaréte May Berkenbrock-Rosito, Kiara Maia de Oliveira, Nataly Chaves de Freitas e Deborah Christina Lopes Costa. Trata-se da metodologia da “Colcha de Retalhos” desenvolvida em ambiente virtual decorrente da pandemia de covid-19. Os relatos de experiência foram produzidos por meio de questionário respondido pelos participantes do grupo de pesquisa em 2020 e 2021. Fez-se uma análise do *corpus* apoiada na Teoria das Representações Sociais, de Moscovici (1978), a fim de apreender os elementos representacionais das dimensões informacionais, atitudinais e imagéticas. Os resultados revelaram que os participantes são favoráveis à participação na construção da “Colcha de Retalhos” no ciberespaço.

Evidenciou-se, também, um predomínio no discurso coletivo dos participantes, em que emoção e sentimentos alusivos às narrativas (auto) biográficas, que denotam uma experiência estética, rompem com o senso comum atribuído ao espaço virtual como distante e frio. Os resultados ainda indicaram que a aprendizagem pode ser meramente um processo racional e cognitivo. Concluiu-se, assim, que este processo reflexivo no ambiente formativo virtual constitui os sujeitos e suas experiências de vida, que se cruzam neste caminho de pesquisa.

A seguir, o **Eixo III - A educação e a cultura profissional nos tempos atuais** - tem a pretensão de tratar de questões relacionadas à educação e à cultura profissional nos tempos atuais, no enfrentamento dos múltiplos desafios, dentre eles: as políticas públicas educacionais e/ou de formação de professores, o cotidiano virtual, a organização curricular, a profissionalidade docente e suas implicações. Este Eixo se compõe de cinco textos, de acordo com o que segue.

O primeiro deles, de Luisa Carlota Santana Gaitán e Edilberto Hernández Cano, apresenta o texto “Representações Sociais do Trabalho Docente: sentidos e contradições”. Trata-se de um artigo que aborda resultados de quatro investigações realizadas em instituições de educação superior, educação básica secundária e média, de Bogotá-Colômbia. Tem como objetivo desvelar as representações sociais de professores sobre o trabalho docente, sua relação com as experiências formativas e com os jovens estudantes. Fundamenta-se na Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1979; JODELET, 1986; ABRIC, 2001) e problematiza a influência das representações dos professores nas práticas sociais e pedagógicas, a justificativa de sua prática e a qualidade educativa. Os resultados permitiram identificar, entre outros aspectos, a presença de contradições entre a formação disciplinar e a pedagógica, as intencionalidades formativas institucionais e o sentido que os professores concedem às suas práticas, que incidem na construção de sua identidade profissional.

O segundo texto, intitulado “Desafios de ser professor durante a pandemia”, de Sonja Gabriella Moll, Clarilza Prado de Sousa e Laurinda de Sousa, tem como

objetivo geral indicar as representações que professores vêm construindo sobre *ser professor* no contexto do ensino remoto emergencial imposto pela pandemia da covid-19, em 2020. A pesquisa se apoia conceitualmente em teóricos que defendem uma atuação docente fortalecida em sua dimensão criativa e reflexiva e consideram o professor como produto e produtor de seus contextos profissionais. A Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici (1978), embasa a metodologia escolhida, tanto para a construção do objeto de pesquisa quanto como instrumento de coleta de dados. Apoia-se, também, em contribuições de outros/as autores/as para compreender o desdobramento da teoria original, como Denise Jodelet (2009) e Jean-Claude Abric (2001). A coleta de dados junto aos 72 professores participantes desta pesquisa foi conduzida mediante a aplicação de um Teste de Associação Livre de Palavras (TALP). Os dados obtidos foram processados pelo *software* IRaMuTeQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de questionnaires). A análise quanti-qualitativa dos dados desvela elementos de possíveis representações sobre *ser professor* na pandemia, como: desafio, preocupação e medo. Mas também, os resultados indicam ausências importantes nesta representação, como: solidariedade, vínculos e formação continuada em tecnologia. Com base nesses resultados, foi possível desenvolver uma pauta para os formadores de Secretarias de Educação, que orientarão professores em suas necessidades formativas.

A seguir, Elena M. Zubieta, Cynthia Torres Stockeli, Fernanda Sosa e Matías Bucosky Yolde apresentam o terceiro texto “Representações Sociais da covid-19 e da vacina em universitários e professores argentinos”. Trata-se de uma discussão em torno do tema da covid-19, que além de ser um objeto médico e científico, é um objeto eminentemente social. O artigo anuncia que as reações das pessoas ao vírus não somente informam sobre os riscos que este implica, mas, sobretudo, são reflexos de seus sistemas de pensamento, das teorias que integram o sentido comum e dos princípios que organizam o funcionamento social. A pandemia da covid-19 é um revelador poderoso das realidades individuais e sociais que atravessa os contextos intergrupais, que jogam um papel importante no modo em

que a informação se organiza e se ressignifica. Em relação a este marco, dois estudos se levaram a cabo: um que se desenvolveu com estudantes universitários e o outro com docentes argentinos. O objetivo foi explorar as estruturas representacionais referentes à covid-19 e à vacina, assim como as especificidades processuais em termos de ideias evocadas, atores, instituições e sentimentos associados.

Mais adiante, o quarto texto “Educação, cultura e valores sociais ao longo da dimensão temporal”, de Susana Seidmann, tem como objetivo abordar a relação entre cultura e educação como conceitos entrelaçados e atravessados pela dimensão temporal. A conceituação teórica é proposta a partir de diferentes perspectivas, incorporando a noção de crise ao se considerar os eventos temporários de mudanças repentinas que mudam a realidade. São discutidos alguns resultados obtidos na pesquisa realizada na Universidade de Buenos Aires (UBA) sobre “Representações sociais de jovens em situação de crise social e psicossocial na Argentina”. As conclusões incorporam a importância dos valores e da dimensão temporal na relação entre cultura e educação e a influência dos valores sociais.

Por último, o quinto texto referente ao Eixo III intitula-se “Abordagem psicossocial das massas – o debate entre Serge Moscovici e Pierre Bourdieu e contribuições para a educação”, de Rita de Cássia Pereira Lima, Lúcia Villas-Bôas e Maria de Fátima Barbosa Abdalla. Trata-se de um estudo, que tem como objetivo apresentar o debate ocorrido entre Serge Moscovici e Pierre Bourdieu na *Maison de la Radio France*, em 1982, a propósito do livro publicado por Moscovici intitulado *L'âge des foules: un traité historique de psychologie des masses*. Anuncia que, no Brasil, a problemática das massas tem sido pouco abordada na psicologia social, que tende a priorizar mais o estudo de pequenos grupos ou de organizações. Apresenta a discussão do conceito de “massas” realizada por Moscovici (1981) e, na sequência, problematiza alguns pontos do debate entre os dois. A análise desenvolvida, a partir de uma perspectiva psicossocial, vem contribuir para se repensar os desafios do atual contexto educacional brasileiro.

Compõe, ainda, esta Seção temática o “Diálogo com Jorge Correia Jesuino”. Trata-se da entrevista realizada por Maria de Fátima Barbosa Abdalla com o Prof. Jorge Correia Jesuino, que pretende sinalizar questões pertinentes ao contexto de transformações políticas, socioculturais e econômicas em tempos tão complexos e difíceis de neoliberalismo e de pandemia no mundo e no Brasil. São levantadas inquietações e proposições sobre a temática da educação e da cultura em uma perspectiva psicossocial, considerando os três eixos temáticos aqui descritos. A natureza discursiva do texto abre possibilidades de novos sentidos para um processo dialógico e de reflexão crítica sobre a vida e o mundo, os tempos e os espaços sociais, as permanências e as mudanças para a educação e a cultura.

Desejamos, ainda, dedicar *in Memoriam* esta Seção Temática para o nosso Amigo Moisés Domingos Sobrinho, parceiro de tantos encontros e discussões teórico-epistemológicas. Encontramos, nas palavras do Prof. Jorge Correia Jesuino, uma síntese da homenagem que pretendemos fazer aqui:

Recordo Moisés desde logo como colega a quem muito devo no plano da cooperação internacional ao iniciar-me na sociologia do ensino superior. Uma sociologia a que ele imprimiu características próprias, de carácter reflexivo, dando lugar à edição de publicações coletivas que irão prosseguir dando continuidade ao que ele iniciou. Já sem ele, mas sempre com ele.

Outra faceta do Moisés não menos importante para mim foi o seu espírito de cidadania, o interlocutor a quem eu pedia que me ajudasse a entender melhor a complexa política brasileira, ele, um observador privilegiado, conhecedor do aparelho por dentro, mas também de longe. Recordo as suas análises pautadas pelo rigor e objetividade nunca poupando sequer a própria matriz onde sempre militou e que a repressão não poupou.

Probidade de Moisés congruente com o perfil humano que todos lhe reconheciam, pontuado pela coragem e serenidade estoica, aceitando sem ruído nem fúria a doença que o levou e que ele ironicamente designava de intruso. O modo socrático como enfrentou os dias finais e nos disse adeus confirmam o Moisés que sempre conheci e a quem aqui deixo sentida homenagem.

Jorge Correia Jesuino

Por fim, expressamos, desde já, o nosso agradecimento aos/às autores/as, provenientes de várias instituições brasileiras e de diferentes países, como

Portugal, México, Colômbia e Argentina, pela relevância das pesquisas realizadas e das questões debatidas, que muito contribuíram para oferecer uma reflexão psicossocial sobre a educação e a cultura em um cenário de incertezas.

Pelas razões indicadas, convidamos os/as leitores/as para uma reflexão a respeito das ideias aqui construídas, desejando que as mesmas possam orientar caminhos para um trabalho educativo, que estimule um movimento dialógico de construção de conhecimento e de práticas partilhadas e solidárias.

Julho de 2022,

*Maria de Fátima Barbosa Abdalla*

*Rita de Cássia Pereira Lima*

*Lúcia Villas Bôas*

## Referências

AUGÉ, Marc. **La construction du monde**. Paris: Maspero, 1974.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos**: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. 2ª ed. Tradução Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre el Estado**. Cursos en el Collège de France (1989-1992). Traducción Pilar González Rodríguez. Barcelona: Editorial Anagrama, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia Geral**. Curso no Collège de France (1982-1983), vol. 1: *Habitus e Campo*. Petrópolis: Vozes, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A Coragem da Verdade**: o governo de si e dos outros II. Curso no Collège de France (1983-1984). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

GIMENO SACRISTÁN, José. **Poderes instáveis em Educação**. Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médias Sul, 1999.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

JODELET, Denise. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, B. (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 12<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 55-67.

JODELET, Denise. **Representações Sociais e mundos de vida**. Tradução Lilian Ulup. Paris: Éditions des archives contemporaines; São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Curitiba: PUCPress, 2017.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 3<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MOSCOVICI, Serge. **A invenção da sociedade: sociologia e pedagogia**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOSCOVICI, Serge. **A Psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.  
SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

**Revisores de línguas e ABNT/APA:** *Maria de Fátima Barbosa Abdalla, Rita de Cássia Pereira Lima, Lúcia Villas Bôas*

**Submetido em 24/08/2022**

**Aprovado em 29/08/2022**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)